

As batalhas perdidas pelos trabalhadores na guerra das palavras (I)

Gabriel Schütz

[Doutor em Saúde Pública. Professor da UFRJ
Universidade Federal do Rio de Janeiro]

Ideologia é igual sotaque, cada um percebe aquele que lhe é alheio.

Nos tempos contemporâneos, essa percepção parece ter sido facilitada, uma vez que a anterior diversidade de ideologias possíveis foi, de um modo geral, reduzida a apenas duas: a visão de mundo dominante e “a outra”.

Ao tempo em que a posição dominante é naturalizada como uma mistura da ordem cósmica dos tempos clássicos com a ordem divina medieval, a posição antagônica, a que se resiste dominação, é apresentada ao senso comum como um indesejável lugar onde se congregariam todas as ideias subalternas que, de acordo com quem domina, deveriam ser extintas para que “a ordem e o progresso” se realizem. Assim sendo, o conflito entre setores em disputa já não seria mais considerada uma força de mudança para que as relações sociais “evolua” no sentido da modernização, como queria George Simmel, mas um empecilho para o desenvolvimento das forças produtivas, da geração de riqueza, do avanço das ciências, da paz social.

O resistente/dissidente é, neste contexto, pura e simplesmente um inimigo da sociedade. Já nos informava o velho Marx, que as visões de mundo são construídas, e o seu processo de construção é, também, um objeto de disputa pela hegemonia na luta de classes.

A dimensão material da contradição entre o capital e o trabalho só se legitima depois de vencidas as batalhas simbólicas na guerra pelo significado das palavras. A classe dominante domina porque impõe seu modo de dar sentido às coisas, naturalizando assimetrias e desigualdades, justificando injustiças.

Por sua vez, Ferdinand Saussure nos ensinou que os termos que utilizamos são meros recipientes, imagens acústicas que denominou significantes.

É o significado que lhes outorga um sentido contextualizado, sem o qual seriam apenas sons vazios de conteúdo.

No percurso da história, alguns conceitos pertencentes ao mundo do trabalho, que dão sentido às lutas da classe trabalhadora subsistiram às diluições da polissemia acadêmica, do travestismo semântico do jargão político, da eufemização midiática: luta de classes, mais-valia, greve, sindicalismo.

Todavia, como vêm anunciando diferentes pensadores contemporâneos, o mundo do trabalho está em crise.

Crise, no mais puro sentido gramsciano: o velho resiste a morrer, o novo parece não querer, ainda, nascer.

Neste tipo de momento histórico, que Marx chamava de períodos de crise revolucionária, é que se produzem as perplexidades de sentido, derivadas da indisponibilidade de novos significantes portadores inequívocos de novos significados.

No primeiro capítulo do 18 Brumário de Luís Napoleão, o filósofo e economista alemão descreve as incertezas desses tempos como um condicionamento dos sujeitos históricos que, mesmo que decididos a mudar radicalmente a sua realidade, são obrigados a utilizar as palavras que vêm do passado porque as novas palavras ainda não foram criadas. Os significados, conceituados no relato revolucionário, ainda não acharam seus recipientes significantes.

O nosso tempo, o qual poderíamos caracterizar de período de dominação neoliberal ou, se preferir, de mundialização do capital, paradoxalmente, inverte o sentido da mudança social. Esta inversão é definida, precisamente, pela crise do mundo do trabalho, com a descaracterização da classe trabalhadora e a perda dos seus direitos trabalhistas, através da eufemisticamente denominada “flexibilização”, ou a sua correspondente crítica, a “precarização”.

Desta maneira, as forças dominantes imprimem a direção da mudança, aprofundando as relações sociais de produção no sentido do seu próprio benefício. Por sua vez, a classe trabalhadora resiste em uma paradoxal posição conservadora, contrária às mudanças históricas, tentando impedir que tais mudanças neguem seus direitos, seus valores materiais e simbólicos. E ainda não dispomos de um arcabouço teórico-conceitual que dê conta de interpretar este contrassenso por meio de novos significantes.

A atual relação de forças, ou melhor, a desproporção dos instrumentos com que o setor do trabalho conta para enfrentar o capital na disputa pela hegemonia social quiçá seja a mais profunda desde o fim da Guerra Fria a fins dos anos de 1980. Isto vem determinado, em boa medida, pelo extraordinário acúmulo de poder representado na consolidação dos *mass media* (corporações midiáticas) como enormes divulgadores dos *think tanks* (fábricas de ideias) a serviço de corporações econômicas muito mais poderosas e influentes que muitos Estados nacionais, com maior poder de decisão que as próprias democracias liberais, entendidas (até muito recentemente) como fonte de legitimidade da vontade da cidadania.

Nas próximas colunas, iremos desvelando a forma em que os trabalhadores fomos perdendo, uma após a outra, várias batalhas na guerra pela imposição do sentido: proletariado; saúde do trabalhador; direitos trabalhistas; justiça do trabalho, dentre outras categorias em pauta.

Até a próxima! ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.